

# BRASÍLIA BLUES

POR MARÇAL AQUINO

## 1 O CÉU QUE NOS PROTEGE

Dá para ver, em 180 graus de céu, o aviso prateado dos relâmpagos: vai chover no primeiro dia de outono. Não passam pessoas apressadas, como aconteceria em qualquer cidade do mundo. Não há um só cachorro pelas ruas – e o homem acha isso perturbador. Como o céu.

O homem nasceu numa cidade cercada por serras altas, orgulhosas como o povo de lá. Cresceu rodeado por montanhas. Acostumou-se a tê-las como referência no horizonte. Então sente uma espécie de vertigem ao contemplar, no céu do Planalto Central, um crepúsculo quase brutal de tão imenso e lilás.

Ele pensa na menina: ela também pode estar olhando para o céu naquele momento. E esse pensamento o envolve numa bruma de conforto. Ele acompanha o risco prateado percorrer o céu e ouve, um segundo depois, um estrondo prolongado. Não passa nenhuma pessoa na rua. Apenas carros. De repente, tudo fica em silêncio. Como se a cidade reverenciasse o temporal.

## 2 ANTES

Desde o primeiro momento, o homem percebeu que os outros o olhavam de um modo diferente. Com respeito. Tinha raspado o bigode e o cavanhaque, mas, mesmo assim, sabiam quem ele era.

No terceiro dia, um mulato corpulento se aproximou durante o banho de sol e perguntou se ele precisava de alguma coisa. Respondeu que não, estava tudo bem. O mulato sorriu com poucos dentes e muita timidez e disse que, se precisasse de algo, era só avisar. E depois se afastou, como se não quisesse incomodá-lo. Ele notou que o mulato também era olhado com respeito.

Enquanto esteve ali, a única coisa que o importunou foi pensar na menina. Nos três primeiros anos, ele não recebeu nenhuma notícia dela. E ninguém apareceu para vê-lo.

Às vezes, durante as visitas aos domingos, alguém o apontava. Sabia que falavam dele – e sabia até o que falavam. Nem isso o incomodava. Na verdade, ele era um homem ocupado em esquecer coisas. Até mesmo quem tinha sido antes.

## 3 SÃO SEBASTIÃO

O homem vai até a janela e espia pelo vão das ripas. Uma névoa envolve as luzes dos postes, um hálito amarelado que flutua sobre os carros estacionados. Um cachorro magro atravessa a rua de terra para farejar um saco de lixo. É o segundo cachorro que ele vê por ali. Ele está numa cidade em que as casas, os carros e até mesmo os cachorros parecem empoeirados.

Ele não sabe quanto falta para o dia amanhecer. Está sem sono. Daria a vida por um café. Daria a vida por outras coisas, todas pequenas. Essenciais, porém. Uma boa noite de sono, por exemplo. A chance de sentir mais uma vez o cheiro da pele da japonesa, logo depois que ela gozava, outro exemplo. Mas isso ele sabe que não vai acontecer. E enfrenta essa certeza com serenidade.

Você é especialista em quê?, um repórter tinha perguntado uma vez. Em nada, ele havia respondido. Podia ter dito que era um especialista em coisas irremediáveis, e não estaria mentindo. O homem das causas perdidas.

Ele volta a sentar-se na cama. A mulher dorme de bruços, vestida apenas com uma calcinha transparente. Poder observá-la demoradamente é uma coisa que o deixa satisfeito.

A mulher tinha falado que estava juntando dinheiro para deixar aquela vida. Elas estão sempre fazendo isso, o homem pensa. A mulher havia falado de um casal de filhos, disse que o menino teria de usar óculos e que a menina precisava pôr um aparelho nos dentes. Perguntou se ele queria ver as fotos que estavam na gaveta da cômoda. Ele não quis. Pra quê?

Ele sabia que isso serviria apenas para fazê-lo lembrar-se de uma outra menina. Uma que devia estar bem mais alta do que ele.

Ainda não amanheceu direito quando ele avisa que vai embora. Coloca o dinheiro sobre a cômoda e se aproxima da cama para beijar a mulher no rosto. Ela olha para ele intrigada. Pergunta se é verdade que ele nunca esteve por ali antes – é capaz de jurar que o conhece de algum lugar.

## 4 NOTÍCIAS DE JORNAL

Um dia, o mulato corpulento se aproximou com um jornal. Indicou a notícia com o dedo torto e amarelado de nicotina.

Lá estava o homem numa foto antiga, ainda com bigode e cavanhaque. Uma foto de arquivo. A notícia recapitulava o crime e falava da menina. O

juiz dera a guarda para os tios, estava vivendo com eles em algum lugar nas proximidades de Brasília.

O homem recortou a notícia. E esperou. Seu advogado havia requerido a redução da pena – o que acabou não saindo.

Quem saiu antes disso foi o mulato: fugiu por um túnel, que o homem nem desconfiava que cavavam, acompanhado por mais sete presos.

Muito tempo depois, ele se viu de novo de bigode e cavanhaque numa foto de jornal. A notícia dizia que deixaria a cadeia em breve. Recapitulava mais uma vez o crime – nunca iam esquecer? – e não falava nada da menina.

O homem nem se lembrava mais do mulato corpulento. Foi quando recebeu a carta dele.

## 5 CONVERSA DE CAMELO

O homem faz hora em frente às bancas dos camelôs. Não conhece quase nenhum dos artistas que aparecem nas capas dos CDs. Ninguém é do seu tempo.

O camelô olha para seu rosto de forma direta. E comenta que ele é muito parecido com um cantor que anda sumido. Um que fez muito sucesso (até hoje, o camelô diz, aparece gente atrás de discos dele). Um que matou a mulher.

O homem não tem tempo de falar nada. Porque nesse momento vê o mulato se aproximar, olhando resabiado para os lados.

## 6 A MENINA

O bar da Gigi, informa o letreiro desbotado, já se chamou Nashville. O homem e o mulato são os únicos fregueses àquela hora. Bebem cerveja sentados a uma mesa de metal, enquanto espiam em silêncio o campo de terra batida em frente ao bar, onde um bando de garotos joga futebol.

Na verdade, só o mulato está interessado no jogo. O homem olha para as casas do outro lado do campo. Em especial para uma delas, de portão de ferro alto.

O dono do bar se aproxima com mais uma cerveja e puxa conversa. Ele veio do Ceará, é jovem ainda, tem a pele e os olhos claros. Parece um europeu. O homem pergunta como é a vida ali. O dono do bar diz que o lugar já foi melhor, que agora se tornou perigoso à noite. Ele mesmo já foi assaltado uma vez.

O mulato comenta que hoje em dia tem assalto em todo lugar. O homem acha o comentário engraçado e sorri. O mulato diz que é a primeira vez que o vê sorrindo. O dono do bar olha para os dois sem entender. E depois volta para o balcão.

É nesse instante que o homem vê o portão de ferro se abrir. E se levanta da mesa. O mulato permanece sentado e não diz nada. Depois que o homem se afasta, ele se arrepende de não ter desejado boa-sorte.

O homem atravessa o campo de futebol – os jogadores estão concentrados no lado oposto, ouvindo as instruções do técnico.

A menina sai da casa e caminha em direção ao ponto de ônibus. O homem apressa o passo.

Quando se cruzam, a primeira coisa que ele nota é que os dois têm a mesma altura. A segunda é que o rosto dela lembra muito o da mãe. Os olhos são idênticos. A menina encara o homem e, por uma fração de segundo, algo muda em seu rosto. O homem passa por ela e continua caminhando na direção contrária.

Pai.

É o som dessa palavra que faz o coração do homem disparar. Ele se detém e olha para trás. Sentindo uma vertigem parecida com a que experimentou ao ver pela primeira vez o céu sem referência do Planalto.

A vertigem dele aumenta. Porque ele percebe que se enganou: a menina está distante, chegando ao ponto de ônibus.

Ele procura por uma montanha no horizonte, algo que sirva de apoio. E não encontra. Então sente vontade de voltar para casa – o que quer que isso signifique naquele momento.

Sérgio Amaral

